

Pelos olhos de Marjane

Raquel Costa · 12.06.2026

CULTURA · SOCIEDADE

Marjane Satrapi não nos deixou, afinal. Regressará ao Irão connosco de todas as vezes que mergulharmos nas páginas de Persépolis. Sempre ali – tão presente – terna e vulnerável, indómita e rebelde.

Quando me chegou a notícia da morte de Marjane Satrapi, estava a caminho da Feira do Livro de Lisboa.

Comovi-me, confesso.

Não esperava esta notícia, não esperava que Marjane já não estivesse entre nós.

Como podia Marjane ter-nos deixado, se ainda no dia anterior eu tinha comprado (pela enésima vez) uma cópia do seu eterno *Persépolis*, na esperança de entronizar uma jovem leitora nas lides da banda desenhada?

Como podia Marjane ter-nos deixado, se de todas as vezes que segurei as páginas de um livro seu, ela estava sempre ali, tão presente, contando-me a sua história de vida, *pari passu* entretecida com a do seu Irão?

Consigo reconduzir a Marjane Satrapi diversas dimensões da minha própria identidade. Pois também eu desnovelo esse fio invisível que energiza todas as mulheres artistas.

E eis que dei por mim a pensar na Ana Maria.

Consigo reconduzir a Marjane Satrapi diversas dimensões da minha própria identidade.

Conheço-a em abril de 2025, numa escola secundária em Coimbra. Tem 14 anos. Estou a orientar uma sessão de mediação literária com estudantes do 9.º ano, em torno do meu livro *25 Mulheres*.

Durante a sessão abordamos questões e temas sociais e políticos e referências histórico-culturais. O diálogo é rico, avança por territórios nem sempre mapeados e desafia a reflexão crítica.

A dado momento, deparamo-nos com o conceito de desobediência civil. Pergunto ao grupo «em que condições seria, ao dia de hoje, legítimo desobedecer?»

Responde Ana Maria – «Os autoritários começam sempre por sonegar o conhecimento, porque sabem que conhecimento é poder, e para um exercício pleno do autoritarismo é necessário retirá-lo das mãos dos cidadãos. Por isso, iria procurar ler todos os livros proibidos e censurados, para resgatar esse

conhecimento.»

E, como se a clareza incisiva desta afirmação não fosse suficientemente desconcertante, acrescenta:

«É preciso cultivar o saber, é preciso cultivar o conhecimento, para compreender o que se passa no mundo. Se não sabes o que está mal, como vais saber o que tens de fazer para mudar?»

Penso muitas vezes nesta interação com a Ana Maria, e no espírito profundamente rebelde que animou a sua reflexão.

Penso, no momento em que escrevo, que Marjane também aprovaria.

«Se não sabes o que está mal, como vais saber o que tens de fazer para mudar?»

Marjane, que sabia o que estava mal. Que nem sempre sabia muito bem o que fazer para mudar, mas sabia da importância de continuar a lutar. A resistir. A acreditar.

Marjane, que deixou para trás o seu Irão natal e nos legou um retrato tão vívido de como, por vezes, depois do mau, vem ainda pior.

Marjane, que nos mostra, vinheta a vinheta, como podemos amar fervorosamente o nosso povo e a nossa cultura, ainda que repudiemos visceralmente os nossos líderes.

É um legado poderoso, o poder de ver.

Para dentro de um país, de uma sociedade, de uma família, de uma jovem mulher. Alguns livros têm este poder extraordinário de nos colocar a ver pelos olhos de outrem.

É algures neste espaço, em que nos vemos ligados – pelas histórias – a outros tempos, lugares e vozes, que se joga o campo da memória.

É um legado poderoso, o poder de ver.

Marjane Satrapi não nos deixou, afinal.

Regressará ao Irão connosco de todas as vezes que mergulharmos nas páginas de Persépolis.

Sempre ali – tão presente – terna e vulnerável, indómita e rebelde.

Para mim, para a Ana Maria, para todos, para sempre.